

A PRÁTICA DA LEITURA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA: UM ESTUDO NA INSTITUIÇÃO PÓLO DA CIDADE DE UNAÍ-MG.

Liliane Aparecida José COIMBRA
Instituto de Ensino Superior Cenequista- INESC
E-mail: lili_kaz@hotmail.com
Keli Cristiane Eugenio SOUTO
UnB e INESC
E-mail: kellisouto@hotmail.com

Resumo: Este estudo aborda a prática da leitura no processo de ensino aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos – EJA, no momento em que as discussões sobre a temática são cada vez mais importantes. Nesse sentido, objetivou-se conhecer o método utilizado para a inserção da leitura no programa e identificar as dificuldades nesse processo. Este estudo se pautou nas abordagens qualitativa e quantitativa. Os dados foram obtidos mediante a observação não participante nas aulas do ensino fundamental I e da série final do ensino fundamental II, entrevistas com o corpo administrativo da Instituição Pólo da cidade de Unaí-MG e por meio de questionários aplicados aos alunos. Ao término da pesquisa, concluiu-se que, embora o número de alunos respondentes seja assíduo na prática de leitura, grande parte deles não lê por falta de tempo. Um número significativo de alunos nunca frequenta a biblioteca e que a maioria dos alunos não lê nenhum livro ao ano. A inserção da leitura na EJA é, pois, uma questão que precisa ser reavaliada pelos coordenadores, a fim de que os problemas decorrentes da falta de leitura possam ser amenizados.

Palavras – chave: EJA; Prática da leitura; Instituição Pólo; Professor; Aluno

1. Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (doravante EJA) surgiu com o propósito de inserir na Educação os alunos que não completaram os anos da Educação Básica em idade apropriada. O segmento é regulamentado pelo artigo 37 da Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996). Os alunos aos quais se destina a EJA trazem consigo experiências de vida, cheias de detalhes e de uma forte relação com a sociedade, experiências essas, que são muitas vezes camufladas em virtude da dificuldade de expressão da linguagem oral e/ou escrita. Freire (2002) sugere que a EJA adote uma metodologia baseada na realidade do educando, levando em conta suas experiências, opiniões e história de vida, a fim de que a partir das informações fornecidas, o conteúdo preparado para as aulas e o material utilizado sejam ajustados e adequados a essas realidades. É importante que o adulto aprenda e encontre sentido no que se está estudando.

A prática de leitura na EJA é importante não apenas por constituir uma ferramenta para a aprendizagem, mas também por propiciar a esses indivíduos a capacidade de reagir frente às adversidades do meio social, possibilitando o exercício de todos os papéis sociais que vão desde o mercado de trabalho à posição que ocupam no seu bairro ou na sua igreja. Sendo

leitores assíduos, poderão compreender e interpretar melhor as situações cotidianas da contemporaneidade. Espera-se que a EJA, enquanto educação popular capacite seus estudantes a ler e escrever e conectar-se ao mundo de forma efetiva. Para tanto é necessário que a prática da leitura seja constante. Diante do exposto, surgiram as seguintes questões: como acontece o processo de desenvolvimento da leitura na modalidade de Ensino Fundamental na EJA? A prática de leitura na EJA enfrenta dificuldades? Quais seriam?

O objetivo desse trabalho é, portanto, conhecer o método utilizado para a inserção da leitura na EJA na Instituição Pólo em Unaí-MG e identificar as possíveis dificuldades na condução desse processo. Para isso, foi necessário caracterizar o aluno EJA; investigar a importância da leitura nessa modalidade de ensino; analisar significância da leitura para esses alunos; verificar se o programa disponibiliza materiais para a prática da leitura; examinar se há incentivo por parte dos coordenadores e professores para a formação do leitor e ponderar se há formação continuada dos professores para trabalhar na EJA.

2. Fundamentação teórica

2.1 Um panorama da EJA no Brasil

A Educação de Jovens e Adultos é um avanço para a educação, uma vez que proporciona uma nova oportunidade para jovens ou adultos concluírem o Ensino Médio. No entanto a EJA passou por diversas fases, com distintas denominações. No período da colonização, pode-se citar a catequização. Com o passar do tempo, a educação adulta transformou-se em supletivos, campanhas de educação para jovens e adultos e Movimento Brasileiro de Alfabetização MOBRAF. Somente após os anos 1990 surgiram preocupações que de fato tratavam a educação para os jovens e adultos como um direito do cidadão e um dever do Estado (MEC, 2001).

Desde o Brasil Colônia era possível encontrar ‘educação’ no contexto social. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, os jesuítas no intuito de converter os índios ao cristianismo precisaram ensiná-los a ler e escrever. Os jesuítas se dedicaram a dois projetos: a pregação da fé católica e o trabalho educativo. Nesse sentido, verifica-se que a EJA no Brasil não é recente uma vez que, o trabalho de alfabetização não-infantil era desenvolvido já no início da história do país (BRASIL, 1997).

A modalidade EJA deve desempenhar três funções: a reparadora, equalizadora e a qualificadora. A função reparadora não é um suprimento, mas um modelo educacional com situações pedagógicas satisfatórias que atendem às necessidades específicas dos alunos. A função equalizadora corresponde à igualdade de oportunidades de inserção do indivíduo na sociedade, no mercado de trabalho, nas participações sociais, enfim, é a viabilização dos alunos às novas formas de cultura e trabalho. E a função qualificadora equivale à educação permanente, essa função é o sentido da Educação de Jovens e Adultos (MEC, 2002).

É fundamental que as equipes escolares diretamente ligadas à EJA conheçam e discutam profundamente a proposta curricular, os princípios e finalidades propostas nas declarações internacionais para que o trabalho seja coerente e possibilite a construção de uma educação sem exclusões e sem preconceitos, garantindo a formação de um cidadão reflexivo, crítico e ativo frente as situações adversas com que depara em seu meio.

2.2 Algumas considerações acerca das concepções de leitura

Para Antunes (2003 p. 67) “a atividade da leitura completa a atividade da produção escrita”. Daí a denominação de atividade de interação entre sujeitos, que vai além da simples decodificação de sinais gráficos. O leitor como sujeito ativo, busca interpretar, compreender e identificar as intenções do autor. A leitura de um texto requer, além da decodificação de letras e fonemas, um conhecimento prévio do mundo que cerca o leitor.

De acordo com Freire (1997), a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através da prática consciente. O ato de ler compreende desde a decodificação dos símbolos gráficos até a análise reflexiva de seu conteúdo. A compreensão de um texto não se resume à capacidade de memória, mas também à capacidade de inferir fatos que não são apresentados explicitamente no texto (KOCH; ELIAS, 2006). A leitura é sempre um meio, nunca um fim. E é esse meio que ajuda a identificar o significado das coisas, pois, conforme Silva (2000), o ato de ler é uma necessidade concreta para a aquisição de significados e, conseqüentemente, de experiência nas sociedades onde a escrita é necessária.

É importante enfatizar que a leitura é fundamental na vida do indivíduo, pois “[...] amplia e integra conhecimentos [...], abrindo cada vez mais os horizontes do saber, enriquecendo o vocabulário e a facilidade de comunicação, disciplinando a mente e alargando a consciência [...]” (RUIZ, 2002, p. 35). Por isso é que o contato com os livros precisa acontecer de forma prazerosa, pois se são apresentadas meramente como manuais escolares perdem sua essência e viram obrigações indesejáveis como afirma Martins.

[...] a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, e muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros, estes passam a ser identificados como os manuais escolares. Esses textos condensados, supostamente dirigíveis, dão a ilusão de tornar seus usuários aptos a conhecer, apreciar e até ensinar as mais diferentes disciplinas. Na verdade resultam em manuais da ignorância; mais inibem do que incentivam o gosto de ler (MARTINS, 1994, p. 25).

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, posteriormente, a formação de escritores, pois o texto é o espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modeladoras. A leitura é, pois, um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita (BRASIL, 1997).

O professor, nesse sentido, precisa fomentar o aluno para a prática da leitura que não deve ser somente uma atividade realizada em sala de aula, mas também e, principalmente, em casa, por outros recursos que não se resumem ao livro didático. A leitura precisa fazer parte do dia a dia do aluno.

Para tornar os alunos bons leitores para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler e também ler para aprender, requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que

conquistado plenamente dará autonomia e independência. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (BRASIL, 1997, p.58).

O professor precisa sempre incentivar a leitura e promovê-la de forma que o aluno possa ler e sugar os benefícios que ela pode trazer. Por isso o professor deve trabalhar com textos de diferentes gêneros, dando ao aluno o suporte necessário para que sinta a necessidade de ler. Portanto, levar para a sala de aula textos autênticos como revistas, jornais, panfletos ou qualquer outro texto real pode contribuir para a prática da boa leitura. Com o tempo o aluno passará a fazer a leitura profunda, compreendendo o que lê, retirando informações gerais, fazendo inferências e compreendendo o que está nas entrelinhas, pois lerá de forma crítica e atenta (ANTUNES, 2003).

Os projetos de leitura na escola, e as atividades estáveis de leitura são meios didáticos que quando propostos com regularidade, favorecem a formação do aluno leitor. Projetos que deem a liberdade ao aluno para escolher o que ler, ter acesso a diversos materiais de leitura, facilitam o gosto por essa prática tão importante em sua vida. Quando essa prática é frequente na escola, os alunos se abrem às experiências, dialogam, melhoram a oralidade e vocabulário (BRASIL, 1997).

Ninguém nasce sabendo ler, aprende-se a ler à medida que se vive a leitura geralmente se aprende no âmbito escolar, outras leituras também fazem parte da vida do ser humano e estão presentes nas ruas, avenidas, praças, estabelecimentos financeiros, lojas e tantos outros lugares através dos códigos ou figuras. É importante, pois, que o ser humano aprenda desde cedo a decifrar esses códigos sejam em figuras ou letras para que sua vivência na sociedade seja possível.

2.3 O letramento e sua relação com a leitura

Segundo Soares (2004), letramento é termo inserido ao vocabulário da educação há aproximadamente duas décadas para designar o uso da leitura e da escrita nas práticas sociais “que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização” (SOARES, 2004, p.96). Ser alfabetizado significa ler e escrever no sentido de decodificar letras e formar palavras, apenas.

No mundo moderno, saber ler e escrever de forma mecânica não garante ao indivíduo interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. Decodificar sons e letras não é suficiente. É necessário entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos. Não basta ler os códigos, é preciso ter a capacidade de escrevê-los e interpretá-los. Leitura não é apenas reproduzir o texto, contando a história, ela é um processo que inicia no contato com o texto e vai além dele, o leitor participa do processo com toda a sua experiência de vida e de linguagem. Interpretar os significados, inferir, conversar com o texto, permitindo levar o aprendizado para a vida isso corresponde ao letramento (SOARES, 2003).

Fazer o uso da leitura é compreender os sinais escritos em letras, códigos ou imagens. Esse uso é o chamado letramento. Sobre a compreensão dos sinais escritos, Freire (2001, p.11) afirma que: “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a

percepção das relações entre o texto e o contexto”. O letramento, portanto, é a apropriação da escrita e o domínio da leitura, é o fazer competente da leitura e da escrita.

No contexto da EJA, é importante se trabalhar com a temática da construção do processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração a formação do aluno em cidadão, buscando torná-lo crítico e atuante. O processo educativo deve, então, buscar contribuir para o desenvolvimento integral do ser humano, incentivando-o e educando-o para uma prática que promova a participação individual e coletiva na sociedade (MEC, 2002).

Na EJA, cada aluno traz sua carga de conhecimento e suas experiências de vida. Assim, há necessidade de o educador conhecer cada aluno adulto para que o processo ensino-aprendizagem se efetive. Para Freire (2002), abordar a educação de jovens e adultos, hoje, é tentar aprofundar sua história, tentar dar conta de sua origem para compreender melhor sua situação atual, é uma busca conjunta entre professor e aluno na formação de palavras e temas mais significativos da vida do aluno, familiarizando-o com o seu vocabulário cotidiano.

A escola deve ser o lugar onde acontece a conscientização de cidadania, onde se ensina ao aluno que ele é possuidor de direitos e cumpridor de deveres com o intuito de se organizar a sociedade, a escola é o lugar onde valores são respeitados.

A educação, para ser transformadora, emancipadora, precisa estar centrada na vida, ao contrário da educação neoliberal que está centrada na competitividade sem solidariedade. Para ser emancipadora a educação precisa considerar as pessoas, suas culturas, respeitar o modo de vida das pessoas, sua identidade (GADOTTI, 2003).

Daí decorre a importância de se inserir com perspicácia a leitura nessa modalidade de ensino, pois esses jovens e adultos que retornaram aos estudos depois de anos ausentes deles, ou aqueles que nunca tiveram a oportunidade de estarem inseridos nos estudos, hoje fazem parte de uma sociedade letrada que cobra a todo instante a leitura. Os alunos dessa modalidade de ensino, devido ao percurso de vida, experiências pessoais, interpessoais e também profissionais, apresentam uma diversidade de conhecimentos prévios e cada qual possui um repertório distinto. É a partir desses conhecimentos que se dá o contato como novo conteúdo, atribuindo definição e sentido, que são os fundamentos para a construção de novos significados (MEC, 2002).

Jorge (2011), sobre a prática de letramento na sala de aula de jovens e adultos defende que, para ensinar a ler e escrever, é necessário o reconhecimento da diferença entre este e a apropriação da escrita. O educador, neste sentido, precisa questionar-se diariamente sobre como conduzir o trabalho com letramento em sala de aula. Considerar as particularidades dos alunos, as experiências individuais destes e a cultura de cada um. Jorge (2011) ainda defende que o planejamento é o melhor caminho. Planejar de acordo com o perfil da turma, que deve ser analisado desde o primeiro dia de aula. Se o professor conhece seus alunos, a prática de letramentos que estes vivenciam dentro e fora da escola, terá condições de planejar e organizar o trabalho pedagógico de maneira coerente.

Respeitar o conhecimento prévio e valorizar o diálogo garante o sucesso de qualquer relação, inclusive a relação professor-aluno, como afirma Freire (1996, p.21) “não há docência sem discência”. A leitura é uma habilidade constante na vida humana. A escola é apenas uma ponte que liga o aluno ao mundo. A leitura não é tarefa escolar, é antes de tudo uma condição

para se sobressair nesse mundo repleto de códigos, mensagens, imagens, sons e letras. Vale a criatividade do professor para fazer o aluno encontrar na comunidade oportunidades de leitura.

O hábito da leitura para os jovens e adultos não é adquirido da noite para o dia, é um processo que vai se formando continuamente na vida. Da mesma forma, o gosto por ler vai se formando gradativamente através de práticas e exercícios constantes e supervisionados pelo professor, principal agente no processo de aproximação do aluno com a leitura, condição essencial para o bom desempenho da linguagem oral e escrita.

3 A PRÁTICA DA LEITURA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA EJA: UM ESTUDO NA INSTITUIÇÃO PÓLO DA CIDADE DE UNAÍ-MG.

Os dados analisados nesta pesquisa foram coletados por meio de pesquisa documental, de questionários aplicados aos alunos, de entrevista semi-estruturada com os professores, bibliotecária, diretora e vice-diretor, e, também, de observação não participante nas aulas de todas as disciplinas de duas turmas, uma turma de ensino fundamental I e uma do ano final do ensino fundamental II.

A turma reúne alunos de 1º a 4ª série. É importante ressaltar que EJA no município de Unaí-MG ainda não reformulou os seus documentos sendo eles do ano de 2007. Observou-se que os alunos são distribuídos em séries, portanto a EJA ainda não adotou o sistema de ensino de 9 anos como prevê a Lei 11.274 de 06 de fevereiro de 2006 que altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental. Ou seja, os alunos ficam em turmas que atendem por 1ª, 2ª, 3ª, 4ª séries em uma única turma. E os demais são divididos em 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries.

A EJA foi implantada em Unaí-MG, em 28 de fevereiro de 2005, autorizada pela Portaria 17/2001 de 11/01/2011. O projeto EJA, em Unaí, cumpre artigo 43 da Resolução n.449/01 e Parecer 584/01 e atende alunos que em sua maioria não tiveram oportunidade de estudar em idade regular, em geral, por necessitarem trabalhar. De acordo com o Regimento Escolar e o artigo 43 da referida portaria, “A EJA terá por finalidade suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não tenham iniciado ou prosseguido em idade própria”. A instituição escolhida para esta pesquisa atende o maior número de alunos matriculados na modalidade no município, em virtude de trabalhar com alunos do ensino fundamental I e II.

Nas aulas de língua portuguesa são utilizados diversos tipos de textos como: convites, cartas, notícias de jornal e piadas. Contudo esses textos não são suficientemente explorados. O trabalho consiste em leitura e explicação superficial, seguida de atividades copiadas do quadro para o caderno e, em seguida, o tempo é destinado à resolução das questões. As atividades são corrigidas no quadro. As respostas, embora sejam ouvidas individualmente, são corrigidas conforme o manual do professor, não há abertura, nem incentivo a interpretações múltiplas.

Em uma aula se trabalhou com um texto informativo, que abordava as causas da gripe e possuía números em seu contexto como, por exemplo, 18 milhões, 40% e 600. Acredita-se que esse texto poderia ser uma ótima oportunidade para se trabalhar a matemática, justificando a presença dela na vida cotidiana e introduzindo matérias relacionadas. O texto

também falava sobre vírus, estações do ano, corpo humano, ou seja, poderia trabalhar de forma integrada as disciplinas língua portuguesa, matemática, geografia, história e ciências, fazendo com que os alunos percebessem que um texto de português, se bem analisado, pode ajudar a responder inúmeras questões de outras disciplinas. Percebeu-se que não existe um momento reservado à leitura, a não ser na hora da resolução ou correção de exercícios e quando a professora fazia a leitura dos textos para os alunos.

As avaliações são de consultas. Os alunos abrem o livro nas páginas indicadas pela professora e somente transcrevem as respostas. Sobre essas provas, os próprios alunos reclamam, dizendo que é muito fácil: é somente copiar as respostas e “faturar” os pontos. O educador parece não ter compreendido o significado real de suas aulas.

Alguns professores, embora já atuem na educação há algum tempo, não valorizam a disciplina que lecionam. Talvez tenham esquecido que a escola é um lugar para se desenvolver a reflexão e não para se transcrever respostas. MEC (2001 p.44) salienta: “A escola é o lugar privilegiado para se desenvolver o pensamento reflexivo”. Observou-se que os professores necessitam reavaliar sua prática pedagógica, refletindo sobre como a sua contribuição como educador é importante para a inserção desses alunos no mundo atual. Como ressalta Freire (1996, p.32): “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”. É responsabilidade do educador valorizar sua disciplina e seu trabalho, incentivar seus alunos a pensar e a resolver problemas, refletindo sistematicamente.

Um outro aspecto observado foi a necessidade de explicitação dos objetivos das atividades propostas por parte dos professores, uma vez que são meramente expostas sem esclarecimentos sobre a real importância, conforme ressalta Antunes (2003, p.123), visto que muitas vezes os alunos não compreendem a razão de se estudar determinada matéria e assim vão passando de ano em ano, sem de fato apreciarem o que aprenderam.

O material que em breve será usado pelos alunos trata de conteúdos relevantes para a formação desses indivíduos, como as formas de comunicação, o nome e a história de vida, a infância, o povo brasileiro, o consumo, a natureza, a amizade, o trabalho, a 3ª idade e os animais. Espera-se que partindo dos conteúdos propostos pelo livro didático as aulas passem a fazer mais sentido para esses alunos, capacitando-os de fato a resolver seus conflitos cotidianos. Souza (2009, p.3) ressalta:

“A aquisição da linguagem escrita e falada não é apenas um trabalho escolar, mas também histórico e social. Por isso, acreditamos que a alfabetização de jovens e adultos deve, antes de tudo, capacitá-los a resolver problemas cotidianos e a ter acesso aos bens culturais acumulados pela humanidade.”

Percebeu-se que os alunos desejam solucionar seus próprios conflitos e prova disso é que eles resolveram voltar a estudar depois de tantos anos, fato que precisa ser valorizado por meio de um ensino voltado para essa realidade.

Dentre os questionamentos acerca da leitura no ambiente escolar da EJA, destacam-se algumas respostas bastante interessantes para análise. A leitura foi definida como “várias formas de comunicação como: visual, gestual de códigos e outras, “Uma viagem ao desconhecido” ou “Leitura é o todo; letras, imagens... existem vários tipos de leitura, leitura

de mundo.” Apesar superficialidade das respostas, conclui-se que para os respondentes a leitura vai além da decodificação de sinais gráficos, engloba mais que palavras e, como Freire (2001p. 11) ressalta: “[...] ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo [...]” não se limita leitura à palavra escrita, mas a outras formas de comunicação.

Sobre a relação entre leitura, letramento e os alunos da EJA, afirmou-se que *“O aluno da EJA já tem um pré-requisito para aprendizagem formal”*; *“Não sou professor, não trabalho em sala”*; *“O aluno da EJA, alguns já chegam letrados devido já ter vivência, história de vida, outros não gostam de exercitar a leitura devido não ter tempo ou cansaço do trabalho ou comodismo. O aluno da EJA Gosta de receber pronto, tem dificuldades para criar”*. Acredita-se, no entanto, que não é preciso lecionar para relacionar leitura, letramento e os alunos da EJA e, mesmo sem formação específica, é imprescindível para a boa atuação na área da educação, um conhecimento que permita uma reflexão e associação desses conceitos.

Em relação ao incentivo aos alunos para a prática de leitura, os três respondentes afirmaram que, *“sim”*, é importante incentivar, mas não complementaram a resposta, informando de que forma isso é feito na instituição pesquisada. O fato de não terem respondido de forma completa pode indicar que a resposta não reflete a realidade, conforme se constatou nos dias de observação na Instituição. Acredita-se que o incentivo à prática da leitura nem sempre é expresso por palavras, o exemplo é um forte aliado para essa prática. Freire (1996 p. 34) ressalta que *“Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo”*. Um professor leitor incentiva de forma efetiva o comportamento de seus alunos.

Através das entrevistas foi possível constatar que os alunos têm acesso aos livros da Instituição, mas não os utilizam. Sobre os projetos desenvolvidos na escola, os entrevistados dizem realizá-los com frequência, mas no tempo de observação não se presenciou nenhum projeto em execução, também não se teve acesso a nenhum projeto da escola.

Foram analisados 112 questionários. A maioria dos respondentes, 56,90%, é constituída de mulheres, e 43,10%, de homens. As mulheres demonstram estar mais dispostas a ocuparem o lugar que é delas por direito na sociedade, voltando a estudar para participar como cidadã ativa.

Em relação à faixa etária, o percentual dos estudantes que têm entre 15 e 20 anos é maior que os demais, correspondendo a 32,80%. Isso mostra que embora esses alunos tenham interrompido o ciclo de escolaridade na idade considerada adequada, não permaneceram durante muito tempo fora da escola e logo se matricularam na EJA para prosseguirem os estudos. Os alunos com idade entre 21 a 30 anos de idade correspondem a 16,38%; entre 31 a 40 anos totalizam 28,40% dos respondentes; a idade entre 41 a 50 anos perfaz o total de 14,70%; entre 51 a 60 anos, o número é de 5,18% e acima de 60 anos, cai para 2,54%.

O Projeto Político Pedagógico ressalta que os alunos matriculados na EJA, em geral, apresentam baixa auto-estima, característica ainda mais evidente nos idosos que, mesmo representando a minoria dos alunos, demonstram a necessidade de elevar a auto-estima, uma vez que voltando a estudar eles socializam, adquirem novos conhecimentos, associando-os aos que já possuem com a experiência de vida.

Verificou-se que, na 1ª série, os respondentes correspondem a 1,70%; na 2ª série não houve respondente; na 3ª série, somente 6,90%; na 4ª série, 7%. O percentual aumenta a partir da 5ª

série. Nela há 13,80% dos alunos; na 6ª série, 19%; na 7ª série, 30,10% e na 8ª série cai para 21,60%. Esses dados revelam um aspecto positivo que é o fato de os anos de escolaridade estarem aumentando mesmo entre os menos escolarizados. Quanto ao poder aquisitivo dos respondentes, 45,47% afirmam viver com apenas 1 salário mínimo; 27,60% têm renda familiar de até 2 salários mínimos; 10,34% possuem renda entre 2 e 3 salários. Somente 3,44% dos respondentes possuem renda familiar acima de 4 salários e 12,93% dos respondentes não quiseram informar a renda familiar. Esses dados confirmam o que o Projeto Político Pedagógico ressalta a respeito do baixo poder aquisitivo da clientela.

Acerca da importância da leitura no dia a dia dos respondentes, somente 2,60% dos respondentes não consideram que a leitura seja importante no seu dia a dia, isto é, 97,40% têm plena consciência da importância da prática da leitura e da educação de uma forma geral para a melhoria de vida. É por isso que muitos desses alunos voltaram a estudar. Em outras palavras, deve-se tornar a educação equalizadora como Gadotti (2003) salienta, os alunos só precisam de incentivo, pois de maneira geral eles reconhecem que a leitura é relevante na vida prática.

Sobre o hábito de ler, a maioria dos respondentes relatou que têm o hábito da leitura, ou seja, 62,93% responderam que lêem contra 37,07% que admitiram não possuir o hábito da leitura. Na verdade os alunos que se consideram leitores confundem o significado do termo com o fato de serem 'alfabetizados', visto que a maioria não lê nenhum livro ao ano e, como se observou em sala de aula, não se oportuniza nenhuma atividade específica de leitura.

Os respondentes que afirmaram não possuir o hábito da leitura, indagou-se a(s) razão(ões) que os levam a não cultivarem esse hábito. Os resultados apontaram que 48,28% não têm tempo para a leitura; 17,23% não gostam de ler; 27,59% apresentam dificuldades de concentração; 3,45% dos respondentes alegam não possuírem livros, nem acesso a eles e 3,45% dos respondentes não explicitaram os motivos para a falta do hábito da leitura. Martins (1994, p.25) ressalta que: “[...] a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever e muitos têm sua, talvez, única oportunidade de contato com os livros [...]”. Os alunos que revelaram não terem tempo para a leitura são um exemplo do que a autora defende. Esse seria o momento oportuno para se repensar a prática pedagógica e utilizar um método que favorece estratégias variadas e estimulantes tornariam a prática da leitura prazerosa e despertaria o interesse de mais indivíduos, conforme lembra Charmeaux (2000).

Dentre os que cultivam o hábito da leitura, os livros são o recurso mais utilizados, 52,30%; 35,20% leem revistas e apenas 12,50% têm o jornal como principal instrumento de leitura. Segundo MEC (2001, p.78), “Jornais e revistas são recursos didáticos fundamentais, certamente os materiais escritos de mais fácil acesso aos jovens e adultos fora da escola”. A partir desses dados, percebeu-se a necessidade de o professor ser inovador, criativo e buscar entrelaçar fatos cotidianos à sua prática pedagógica, ratificando o que Antunes (2003) sugere: levar para a sala de aula textos variados, trabalhando o que o aluno gosta o que contribuirá para a prática da leitura.

Quanto ao assunto que os alunos consideram mais interessante nos livros, o resultado apontou que 28,80% têm interesse por leituras religiosas; 13,80% têm preferência por livros de auto ajuda. No mesmo nível estão o romance, com 13,80%; já a culinária abarca 17,90% da preferência dos respondentes. Um número significativo demonstra preferência por esportes, 15,20%. Para poesia, apenas 2%, e a preferência por assuntos policiais e de ficção ficam

empatados com 1,30% . Para Martins (1994, p.33) “ a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido”. A autora defende que é através das respostas que o texto apresenta que surgem as expectativas, o prazer do descobrir e as experiências do leitor se resignificam. Cabe ao professor, contudo, enquanto mediador do conhecimento, utilizar formas criativas para trabalhar leitura em sala de aula. Entretanto, na instituição investigada, não se observou nenhuma atividade que instigasse o aluno a ler e a explorar o texto. As atividades eram superficialmente transmitidas principalmente no que diz respeito à leitura. O professor é quem fazia a leitura em voz alta e comentava sobre os pontos centrais do texto não dando abertura para que os alunos expusessem outras interpretações.

Sobre a frequência da leitura, as respostas revelaram que nem todos os alunos compreenderam a questão, dado que comprova a existência de deficiência em leitura, como mostram as seguintes respostas: Com que frequência você lê? 1. “na escola”; 2. “quando vou fazer algum trabalho da escola”; 3. “Quando estou na escola e quando tem algu que me atrai”; 4. “quando vou fazer algum trabalho da escola”; 5. “devagar para entender a leitura”; 6. “só na mente. As respostas 1, 2,3,4 mostram que a leitura se resume à concretização de atividades escolares. Esses alunos ainda concebem a leitura como decodificação de códigos e sinais gráficos e também como realização obrigatória de tarefas escolares. A 5ª resposta mostra que o aluno entendeu frequência como velocidade da leitura. A resposta 6 indica que o aluno simplesmente não compreendeu a questão.

Quanto à quantidade de livros lidos ao ano, 51,70% admitiram não ler nenhum livro; 37,20%, de 1 a 3 livros por ano; 4,3%, de 4 a 8 livros e 3,4% relatam ler mais de 10 livros ao ano. 3,4% não responderam. Verifica-se que a maioria dos alunos assistidos pela EJA no município de Unaí não lê. Existe, pois, a urgência em se criar um projeto voltado para a leitura que envolva todos os professores e alunos a fim de alcançarem um mesmo objetivo, como defende (BRASIL,1997). Assim sendo, um projeto bem estruturado, trará melhorias e incentivará os alunos para a prática da leitura, a fim de reverter o quadro exposto, já que 82,8% reconhecem que a leitura é uma forma de aprendizagem eficiente; 11,2% consideram a leitura é uma atividade prazerosa e apenas 6% têm a leitura como uma obrigação.

Outro problema detectado pela pesquisa é a má utilização da biblioteca por alunos e professores. Quando se questionou se a escola possui livros do interesse dos alunos da EJA, 56% responderam que sim; 41,42% relatam não saber e 2,58% disseram que não. O número de alunos que desconhecem o acervo existente na Instituição é alto. E, dentre os usuários da biblioteca, a maioria a utiliza para realizar, tarefas escolares, informação confirmada pela funcionária do setor referente ao questionamento sobre o acesso aos livros pelos alunos.

Um dado surpreendente tem a ver com quem sugere leitura aos alunos da EJA. Os professores foram apontados em 40,37% das respostas. A família, no entanto, foi a resposta de 36,60% dos respondentes. 12,30% responderam que os amigos sugerem a leitura e 10,73% respondem que é a televisão que lhes sugere leitura. Gadotti (2003) defende que a profissão professor, hoje, não é nem mais fácil e nem mais difícil, é diferente, pois com a rapidez que a informação chega e com os avanços tecnológicos, o professor precisa ser ágil. Os dados revelam que o maior incentivador da leitura continua sendo o professor. Portanto, o professor hoje deve ser um profissional dinâmico, muito bem informado e deve, sobretudo, ser leitor e sugerir a leitura através do seu exemplo e de sua prática pedagógica. Acreditava-se, no entanto, que esse número fosse mais expressivo, mas o fato é que a família, os amigos e a

televisão também são incentivadores da leitura. Isso revela que muitas pessoas têm tomado consciência da relevância da prática da leitura.

De uma maneira geral, os alunos sabem que a leitura é relevante em suas vidas e acreditam que a leitura é uma das principais formas de aprendizagem, contudo 37,07% desses alunos não têm o hábito da leitura, e as principais causas da falta da prática da leitura foram: a escassez de tempo, dificuldade em concentração ou o fato de não terem adquirido o gosto pela leitura. A maioria dos respondentes revelou que não lê nenhum livro ao ano; um número significativo não sabe se há na Instituição livros de seu interesse; muitos nunca frequentam a biblioteca e quando o fazem é para buscar material didático.

Apesar de os entrevistados terem respondido que há na Instituição projetos voltados para a leitura, percebeu-se com as respostas dos questionários e com a observação não participante, a necessidade de rever os projetos de leitura existentes na escola e iniciar o desenvolvimento de um novo projeto, pois, conforme Brasil (1997, p.63), “Os projetos de leitura são excelentes situações para contextualizar a necessidade de ler [...]” É necessário que o projeto seja focado em leituras variadas, livros interessantes, que valorizem o gosto dos alunos, exercícios de produção de textos de acordo com os interesses e as necessidades reais, além de incentivar visitas à biblioteca, a fim de que os alunos da EJA se familiarizem com a leitura.

4 Considerações finais

Este estudo buscou pesquisar sobre a prática da leitura no processo de ensino-aprendizagem da EJA na instituição pólo da cidade de Unaí- MG, fornecedora de ensino fundamental I e II. Teve como objetivo geral conhecer o método utilizado para a inserção da leitura nessa modalidade de ensino. Para se alcançar o objetivo geral, foi necessário traçar o perfil do aluno da EJA neste município, investigar a importância e o significado da leitura para esses indivíduos, verificar se o programa da EJA disponibiliza materiais para a prática da leitura de seus assistidos, examinar se há o incentivo por parte dos coordenadores e professores em relação a essa prática e ponderar se há formação continuada para que os professores que trabalham na EJA.

Buscou-se por meio de pesquisa bibliográfica levantar as concepções acerca da prática da leitura segundo autores de expressão no Brasil, tais como: Freire, Antunes, Gadotti, Soares e tantos outros mencionados na segunda seção. Verificou-se que os autores acreditam que a valorização do indivíduo e de sua história de vida, além de uma prática pedagógica dinâmica precisam ser norteadores da EJA.

Para contextualizar o estudo, traçou-se um panorama da EJA no Brasil; abordou-se as concepções de leitura e sua importância na formação do indivíduo; o conceito de letramento e sua relação com a leitura e, por fim, a realidade da EJA e a leitura e letramento nesse contexto.

Após análise dos dados coletados na pesquisa, chegou-se às seguintes conclusões gerais: os alunos da EJA são indivíduos pertencentes à classe média-baixa, trabalham e estudam; há a predominância de alunos mais jovens, e do sexo feminino; os alunos acreditam na relevância da leitura em suas vidas e, apesar de um grande número de alunos não serem leitores assíduos, constatou-se que todos valorizam a leitura.

Leitura é, para os alunos da EJA, uma forma de aprender, porém muitos não dispõem de tempo, têm dificuldade de concentração ou ainda não desenvolveram o gosto pela leitura. Observou-se também que o programa disponibiliza materiais para a prática da leitura, mas a divulgação não é eficaz. Sobre o incentivo à leitura, os dados confirmaram que há incentivo por parte dos professores e coordenadores para a prática da leitura, apesar de não se ter presenciado nenhum momento que oportunizasse essa prática. Os resultados mostram que a família também é a grande incentivadora da leitura.

Não foi possível constatar se os professores recebem e/ou buscam a formação continuada, uma vez que não puderam responder à entrevista. Todavia, pela entrevista dos funcionários da administração escolar, contatou-se que a Secretaria Municipal de Educação – SEMED se preocupa em oferecer cursos de capacitação para os educadores. Mesmo diante de algumas limitações, os resultados alcançados foram positivos.

Pode-se dizer que a inserção da leitura na EJA no município de Unaí ainda acontece de forma superficial, conforme se verificou com a observação não participante e segundo os resultados da pesquisa. Acredita-se que a prática de incentivo à leitura precisa ser reavaliada atentamente por toda a equipe, pois os resultados apontam um número significativo de alunos que não lê e que atesta dificuldades quanto à prática da leitura. Em breve esses alunos adentrarão o ensino médio e, posteriormente, cursos superiores. Se a leitura não for incentivada e bem trabalhada nessa fase, os alunos terão dificuldade para interagir no mundo moderno.

Vale destacar, ainda, que não basta decodificar imagens, símbolos, códigos. É preciso interpretá-los para sobreviver no mundo contemporâneo cada vez mais dominado pela tecnologia. Ir ao banco, viajar, fazer compras, usar cartões magnéticos e tantas outras ações do cotidiano são possíveis se houver interação com os mesmos e essa interação só acontece quando se compreende aquilo que se leu, seja em placas, palavras ou números. Portanto preparar os alunos da EJA para a vida prática deve ser uma das principais preocupações da prática pedagógica do educador, que é o intermediário do conhecimento.

Acredita-se que a Educação de Jovens e Adultos necessita de um olhar mais sensível por parte de toda a sociedade, principalmente por parte dos futuros educadores que estão em formação para que, ao adentrarem o espaço da educação, possam prestar serviço com ética, zelo e cidadania, desenvolvendo práticas pedagógicas criativas.

A EJA é um programa fascinante, pois resgata jovens e adultos desestimulados, podendo transformá-los através da educação. Sugere-se, para a melhoria da prática pedagógica neste programa, que sejam adotados mais projetos de leitura com objetivos bem definidos. É importante que educadores, tanto os que atuam em sala de aula quanto os que dão suporte na escola, repensem sua função do ponto de vista profissional e social, avaliando-se e reavaliando-se sempre, para que sua prática seja coerente com a profissão escolhida.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL, [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB** : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.60 p. Disponível em http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf acesso em 18/08/2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais/Português**. Brasília: MEC/SEE, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, MEC/SEF, 1998

CHARMEAUX, E. **Aprender a ler vencendo o fracasso**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, P. **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo-Rio Grande do Sul: Feevale, 2003.

JORGE, G. Letramento escolar e não escolar na EJA *in* **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v.17 n.99.p.19-24, mai/jun.2011.

KOCH, I. V; ELIAS, V. M. **Leitura, texto e sentido**. *in* Ler e compreender: os sentidos do texto. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/1802399> acesso em 12/11/2011.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MARTINS, M.H. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

MEC. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, 2002. 148 p. v.1.

MEC. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos**: 1º seguimento. Brasília, 2001.

OLIVEIRA, S.L. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002

RICHARDSON, R.J **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 5. ed. São Paulo: atlas, 2002.

SILVA, E.T. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**: caminhos e descaminhos *in* Pátio revista pedagógica. a.VIII, n. 27, fev/2004.